

“(...) não falei das flores” — Falei da morte

Pedro Luiz Squilacci Leme

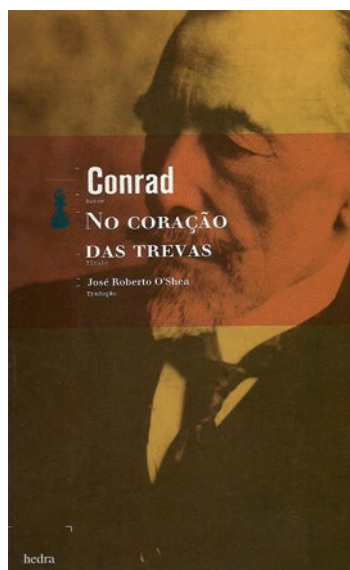
O escritor Milton Hatoum, em sua coluna semanal de um jornal de São Paulo, escreveu recentemente sobre Joseph Conrad (Józef Teodor Konrad Korzeniowski, 1857-1924), polonês que aprendeu a língua inglesa com a idade de 23 anos e escreveu livros importantes nesta língua estrangeira, opção que auxiliou a divulgação de seus escritos, que não teriam o mesmo impacto se publicados em polonês. Esta escolha não foi livre de inquietação por parte do autor, que ficou clara, segundo Hatoum, em carta que endereçou a um amigo:

“Cada linha escrevo com dúvida... Pergunto a mim mesmo: isso está certo? É verdade? Sinto essas coisas assim? Estou exprimindo todo o meu sentimento? Transpiro incerteza em cada palavra...”

O livro *O coração das trevas*, publicado em 1902 pelo autor, permite várias interpretações, e foi adaptado para o cinema por Francis Ford Coppola, que transferiu experiências vividas no final do século XIX, para a Guerra do Vietnã (1955-1975), com o filme *Apocalypse Now* (1979).

Conrad comandou um navio belga na África e presenciou as atrocidades cometidas por comerciantes de marfim, extremamente valioso na época, imortalizando o nome de seu personagem, o Sr. Kurtz, gerente de um entreposto comercial que ficou “muito doente” e deixou de prestar contas à Companhia de Comércio, apoderando-se do marfim obtido. Coppola ambientou a trama no Sudeste Asiático,

transformando Kurtz em um oficial do Exército americano que havia enlouquecido (note a mudança de “diagnóstico”). O personagem do filme deveria ser morto por outro oficial, que, enfrentando os perigos da selva e da guerra, navegou pelo rio Mekong, adentrando as florestas do Vietnã e do Camboja, para eliminá-lo por ter “saído do controle”.



Joseph Conrad filosofou:

"(...) Destino. Meu destino! Coisa engraçada é a vida — misterioso arranjo de lógica implacável para um propósito fútil. O máximo que você pode esperar dela é algum conhecimento de si próprio... que chega tarde demais... uma colheita de inesgotáveis arrependimentos. Eu havia lutado com a morte. É o combate mais desinteressante que se pode imaginar. Acontece numa impalpável zona cinzenta, nada sob os pés, nada ao redor, sem expectadores, sem clamor, sem glória, sem o grande desejo de vitória, sem o grande medo da derrota, numa atmosfera doentia de tépido ceticismo, sem muita fé em nossos próprios direitos, e menos ainda nos do seu adversário. Se tal é a forma da última e definitiva sabedoria, então a vida é um quebra-cabeça, muito maior do que alguns de nós supõem que seja. Eu estava a milímetros da minha última oportunidade para fazer um procedimento, e descobri, com humilhação, que provavelmente não teria nada a dizer. (...)".

Podemos utilizar estas reflexões em várias ocasiões: quando alguém recebe alta de uma Unidade de Terapia Intensiva após enfrentar situações extremas, sobrevive a um câncer ou se equilibra após um episódio depressivo grave, citando apenas alguns exemplos.

Falar sobre a morte? Atualmente suas principais causas são as doenças cardiocirculatórias, o câncer e o trauma. Dados da Organização Mundial de Saúde, considerando estatísticas globais sobre a mortalidade associada ao trauma, mostram que um quarto delas se deve a eventos envolvendo veículos automotores. A violência interpessoal (homicídios, latrocínios), contribui com 10% e a violência autoinflingida com assustadores 16% do total de mortes; estes três únicos grupos somam 51% da mortalidade global. Considerando a média das estatísticas de países em vários estágios de desenvolvimento, todas as outras causas de morte violenta representam menos da metade (49%) do total e mesmo as guerras, onipresentes em várias regiões do planeta, contribuem com 6% destes 49%. As mortes em razão da violência autoinflingida (16%) nos levam a pensar em um diagnóstico complexo, mas banalizado atualmente, a depressão. Um acidente aéreo recente de grandes proporções, causado pelo suicídio do copiloto, motivou o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo a publicar uma nota oficial, tanto no Jornal do CREMESP de maio de 2015 como na *Revista Ser Médico* n° 71/2015, avaliando as repercussões do evento nos portadores de depressão, afirmando que esta situação acomete aproximadamente 17% da população brasileira, e o suicídio pode ocorrer em 15% dos

doentes deprimidos. A nota afirma, ainda, que este possível desfecho catastrófico não deva aumentar o preconceito da sociedade. Podemos considerar que em algumas culturas, como a do país do referido copiloto, os tratamentos psicológicos e psiquiátricos são encarados de forma estigmatizante e habitualmente realizados sem alarde; em nosso país, talvez esta percepção não seja tão evidente se avaliada superficialmente, mas o assunto apresentado oficialmente e amplamente divulgado começa a ser equacionado de forma direta, modificando o enfoque utilizado até há pouco, quando estas ocorrências, a não ser em situações de grande repercussão, não eram nem noticiadas adequadamente.

A diferença entre ter ficado "muito doente", como o personagem de Conrad em 1902, e se apoderar da valiosa carga de marfim, ou ter "enlouquecido" ao subverter a rígida disciplina militar, como o mesmo personagem depois descrito por Coppola será só uma questão semântica? Quem mata todos os passageiros de um avião e também morre como "efeito colateral" é uma pessoa depressiva que se suicidou ou um assassino que premeditou um ato tresloucado para "ser lembrado"?

O poeta Mario Quintana escreveu:

*"Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos — onde
Os deuses, por trás de suas máscaras,
Ocultam o próprio enigma.
Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na sua vida!
É é um sonho louco este nosso mundo..."*

Quintana também nos ensinou:

"... Mas um verdadeiro suicida, um suicida que se preza, não deixa declarações..."

Guimarães Rosa, dando voz a Riobaldo, alertou:

"Viver é muito perigoso: sempre acaba em morte".

Mas concluiu soberbamente:

"Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura".

Pedro Luiz Squilacci Leme

Médico e Escritor

Trajetórias que se entrelaçam

Antonio Carlos Gomes da Silva

Quais convergências poderiam existir entre a minha trajetória na Medicina e a do Professor Emérito Euryclides de Jesus Zerbini, figura ímpar da Medicina brasileira?

Eu, um clínico, Alergologista, 25 anos mais moço, e ele, um Professor de renome internacional, em decorrência de uma trajetória médica brilhante, responsável por importantes e inolvidáveis marcos na história da Cirurgia Cardíaca.

Teria algo a ver com o primeiro transplante de coração realizado na América Latina, o quinto no mundo? Haveria uma relação clínica com o lavrador João Ferreira da Cunha, conhecido como João Boiadeiro, o primeiro paciente transplantado? Certamente não.

Seria por ter aprendido com ele a ser humilde, uma estrela de primeira grandeza que nunca precisou se promover para ser notado? Por essa razão também não foi, pois sinto-me muito distante de sua incomparável modéstia.

Ou pela coincidência de pertencermos à Academia de Medicina de São Paulo, onde ele ocupava a cadeira 29, cujo patrono é o Professor Benedito Montenegro, e eu, ainda ocupante da cadeira 123, que tem como patrono o saudoso amigo Rubens Monteiro de Arruda, em sua época um renomado Cirurgião de Tórax, idealizador e fundador da Faculdade de Medicina de Santo Amaro?

Nenhuma dessas hipóteses. Mas posso me orgulhar de que, em três momentos históricos, tive minha trajetória de vida entrelaçada com a deste incomparável nome da Medicina mundial, embora, no último deles, infeliz para todos nós.

Primeiro momento.

Éramos recém-ingressos na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1958. Calouros curiosos e felizes por termos do outro lado da rua um Hospital Universitário, o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de São Paulo (HC), o nosso hospital. Invariavelmente, apesar de alunos do primeiro ano, perambulávamos pelo HC lá pelas cinco da tarde, ao final dos estudos do período vespertino.

Era necessário porque a aridez do curso médico nos primeiros anos nos deixava distantes do objeto central de nossa vocação, o paciente. Para amenizar essa lacuna, íamos ao altar da celebração da fase excelsa do exercício da Medicina destinado ao paciente, o hospital. E, numa dessas tardes, fomos, eu e mais alguns colegas de turma, até a ala central do 10º andar do HC, um local diferente, e assim designado porque não encontramos pacientes. Apenas portas fechadas. Por curiosidade e atrevimento, próprios da juventude, abrimos uma delas: um anfiteatro encimando uma sala de cirurgia da qual era separado por amplo vidro translúcido. Destinava-se ao ensino de cirurgia.

Naquele momento, uma enorme equipe de cirurgiões operava um paciente. Apercebendo-se da presença de estudantes no anfiteatro, o cirurgião principal solicitou o microfone e indagou quem éramos. Respondemos: somos alunos do 1º ano. Apresentando-se como Doutor Zerbini, informou-nos que estava sendo executada uma cirurgia para correção de válvula cardíaca a céu aberto. A primeira? Uma das primeiras? O tempo passa. Lá se vão 57 anos, e a memória de um fato tão distante não me permite ter a certeza de qual cirurgia era realizada naquela tarde, muito menos de alguns detalhes que o Professor Zerbini nos transmitiu. Sem dúvida foi em 1958, pois estávamos no 1º ano médico.

Segundo dados coletados pelo confrade Sergio de Almeida Oliveira, em agosto de 1958 foi realizada a 1ª cirurgia cardíaca para correção da Trilogia de Fallot a céu aberto, ou seja, com circulação do sangue pela via extracorpórea, marco inicial de uma acelerada sequência, cuja milésima cirurgia foi comemorada em abril de 1963.

De qualquer forma, eu e alguns colegas de turma, que a longínqua data me impede de identificar, fomos testemunhas oculares de uma importante fase da evolução da cirurgia cardíaca em nosso país, a caminho do 1º transplante do coração, realizado pelo Professor Zerbini e sua equipe, em 26 de maio de 1968, portanto 10 anos depois.

Segundo momento.

Passam-se os anos e, em 1978, assumi a Diretoria da Faculdade de Medicina de Santo Amaro (FMSA), atual UNISA.

No ano seguinte, 1979, fui procurado por um aluno do 5º ano médico, o José Alberto dos Santos, que tivera uma ideia: realizar um Congresso Acadêmico-Médico, organizado pelos alunos, para apresentação e discussão de temas médicos relevantes por meio de palestras, verdadeiras aulas ministradas por eminentes professores médicos. Dei meu apoio e assim nasceu o 1º Congresso Acadêmico Médico do Brasil, o 1º COACME da FMSA, precursor de outros eventos similares com a mesma estrutura. No mês de agosto deste ano, 2015, efetuou-se a sua 36ª edição.

Pois bem: quem os alunos escolheram para homenagear? O Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, convidado para a Presidência de Honra desse conclave. Na Sessão Solene de Abertura, por ocupar o cargo de Diretor da FMSA, tive a honra de recebê-lo, apresentá-lo e sentar-me ao seu lado.

Finalmente o terceiro momento.

Em 1992, assumi a Superintendência do HC, berço de meus conhecimentos médicos.

No início de 1993, a comunidade "hagaceana" foi surpreendida por triste notícia. O Professor Zerbini tinha perdido os sentidos, se não me equivoco, enquanto tomava banho. Uma vez diagnosticada metástase de melanoma, os colegas neurologistas e neurocirurgiões decidiram operá-lo.

Ocorreram então dois fatos inusitados. O Prof. Zerbini escolheu para operá-lo um neurocirurgião, de sua confiança, que não era o Professor Titular da Neurocirurgia. O local pretendido para a realização da cirurgia foi o Instituto do Coração, o INCOR, um dos 7 Institutos do HC, pois o Prof. Zerbini era a sua mais proeminente figura: contribuía decisivamente para o início da construção desse Instituto em 1969, em decorrência do já mencionado 1º transplante do coração da América Latina, efetuado no ano anterior.

Embora tenha levado em consideração todos esses antecedentes, entendi que deveria ser operado no Centro Cirúrgico da Neurocirurgia por razões técnicas, não tendo importância convalescer no "seu" Hospital, o INCOR, onde se recuperou da cirurgia.

Alguns meses mais tarde seu estado de saúde piorou, exigindo internação. Em se tratando de figura ímpar da Medicina mundial, a mídia se mobilizou, solicitando comunicados diários de seu estado de saúde, tarefa do Diretor Clínico Prof. Dr. Antranik Manissadjian que, no início do meu mandato, a transferira para mim.



Prof. Zerbini na sala cirúrgica do Bloco I do Incor (sem data)

Disponível em: < <http://www.usp.br/imprensa/?p=23684> >

Passei então a ter contatos diários com o eminente Professor, fato que me possibilitou apreciar ainda mais as suas qualidades aqui já exaltadas.

Assim, até onde foi possível, redigia o boletim médico de comum acordo com nosso laureado Professor Zerbini, vivendo momentos que acentuaram ainda mais o meu apreço por este incomparável, fulgurante e lídimo representante da consagrada medicina brasileira.

Para culminar o registro desses três momentos históricos, o Professor Euryclides de Jesus Zerbini veio a falecer no dia 23 de outubro de 1993, dia do meu aniversário.

Antonio Carlos Gomes da Silva

Membro da Academia de Medicina de São Paulo

Nos dias da juventude

José Hugo de Lins Pessoa

Ontem, na fila do caixa de uma livraria, observei que a senhora na minha frente era uma pessoa que eu conhecia. Fiquei imaginando quem seria ela, mas não tive coragem de lhe dirigir a palavra. De súbito, ela voltou para mim seus olhos destlumbrantes, incomodada, talvez, pela insistência de minha atenção e disse: “pela maneira que você me olha posso ver que fui uma fantasia da sua mocidade que agora se desfaz”. Consegui, apenas, dizer: “Sônia?”. A criança que estava com ela perguntou: “vovó você conhece este homem?”. Ela respondeu: “sim, conheço”. Eu disse: “que bom você se lembrar de mim!”.

No ginásio, fomos colegas de classe. Mais que isso, fomos colegas de adolescência. A Sônia era uma menina muito bonita, todos nós queríamos sempre disputar as moças bonitas. Ela recusou todas as minhas tentativas de aproximação durante os três primeiros anos do curso ginásial. No último ano, em uma festa, aceitou meu convite e dançamos durante toda a noite. Um mês depois, as aulas acabaram — ela mudou de cidade e nunca mais nos encontramos...

Para definição do espírito de uma época, nada melhor do que compreender os adolescentes daquele tempo. O adolescente de classe média dos anos 50 viveu sob o signo dos “Anos Dourados”. Vivemos o tempo do “Jovem Rebelde”. No cinema, o arquétipo do jovem rebelde foi representado pelo ator James Dean. O cinema, que vivia sua “era de ouro”, fazia parte da nossa rotina. O filme *Juventude Transviada* (*Rebel Without a Cause*) tornou-se modelo para todos nós.

O jovem rebelde buscava a sua identidade por meios tradicionais, não revolucionários. Era a época da rebeldia sem causa — o que importava era um leve espírito de revolta contra o mundo adulto. Não havia um objetivo, uma filosofia, ninguém sabia o que queria mudar no mundo. Achávamos, por exemplo, que era uma grande rebeldia responder a chamada, na classe, gritando alto: “Presente!”. Os professores ficavam nervosos e terminavam gritando: “Não gritem!”. Essa rebeldia ingênua permitia vivermos na eternidade, rejeitar o passado e negar o futuro.

Vivíamos sob as regras da moralidade tradicional. Ainda não existia a liberdade sexual dos anos 60. Não havia a pílula anticoncepcional. Quase não se falava em drogas. Bebíamos nas festas, quando tínhamos dinheiro, a conhecida cuba-libre, clássica mistura de Coca-Cola, rum e limão. Namorávamos no portão, dançávamos na sala das casas com os *long-plays*, jogávamos futebol na rua, brigávamos na escola com murros e continuávamos amigos leais

no outro dia. Havia muitos bailes em clubes com grandes orquestras e festas de quinze anos. Era época do *rock'n'roll*. Vimos o Brasil ser campeão mundial de futebol pela primeira vez. O presidente JK prometia “50 anos em cinco”. Começava a industrialização. Havia a impressão de prosperidade, que o país se modernizava, com a chegada da televisão e dos eletrodomésticos.

De repente, percebemos que a época do rebelde sem causa estava acabando. O mundo vivia a “guerra fria”, com a disputa entre Estados Unidos e URSS. Aconteceu a revolução cubana. Os adolescentes se politizavam. Surgiu a radicalização da consciência crítica da realidade. Passamos a ler jornal e textos clássicos, em busca da compreensão do novo momento em que vivíamos. Surgiram vários conflitos: teoria e prática, participação política ou “alienação”, segurança ou aventura, curso superior ou trabalho imediato, prosperidade econômica ou vida espiritual, fidelidade ou autonomia. Começava o movimento que culminou no levante cultural dos anos 60, em que a juventude, agora revolucionária, confrontava a sociedade e os valores vigentes, estéticos, éticos, políticos e religiosos. Na verdade, o fluxo constante do tempo tornou a utopia do rebelde sem compromisso impossível.

Após cumprimentos formais — que surpresa, desde o ginásio, você continua a mesma, você também, onde você mora, estamos muito longe, e essa neta bonita... — comentamos a diáspora, a ausência de notícias e a imensa saudade daquela época. Perguntamos, ao mesmo tempo: “como foi a sua vida?”. Descobrimos que tivemos uma vida parecida, comum: curso superior (por coincidência na mesma área), casamento, filhos, netos. Mantivemos o ideário dos anos dourados e nos adaptamos relativamente bem diante da revolução tecnológica, eletrônica e cibernética. Não falamos em façanhas, defeitos, doenças, triunfos ou fracassos, como convém em um encontro fortuito, casual. Despedimo-nos após trocar telefones. Neste momento, por segundos, o rosto da Sônia se transformou no daquela menina-moça que me encantou aos 15 anos de idade e que, por uma noite, me converteu no jovem rebelde mais feliz do mundo. Compreendi que não é por acaso que os amores fundamentais, certamente os mais perturbadores deles, acontecem nos dias da juventude.

José Hugo de Lins Pessoa

Médico e Escritor

O peru de Natal

Maxado de Aciz

Sei que vou brigar com meia humanidade, mas sempre achei o Natal uma festa chata.

Duma coisa eu não sabia, é que tinha um aliado: o peru. Isso mesmo, o peru. *Meleagri galli parvo* para os menos entendidos.

Num desses bordejos pré-natalinos pelos *Chopes* da cidade, encontro justamente com o próprio: o Peru em pessoa. Vai agora de letra maiúscula porque acaba de se transformar em personagem. Encontro-o disfarçado de Papai Noel.

— Psst!! Psst!! Pssst! Ei, você!

Procuo quem me chamava na multidão e, no terceiro chamado, consigo identificar, disfarçado do bom velhinho, ninguém menos do que o nosso Peru. Em carne e osso, com crista e esporão.

— Não fosse um nome complicado, diria que estou estupefacto.

— Intão fica mais *estupefáquito* ainda porque sou eu mesmo. Estou aqui me divertindo. Não pense que sou masoquista. Se viesse em minha roupa normal, correria o risco de algum recalitrante querer fazer hora com minha cara ou me levar pra panela. De Papai Noel ninguém mexe comigo, a não ser alguns pais babacas que ficam mexendo em minha crista, pensando que é de mentirinha, o que me provoca uma vontade danada de fazer glu-glu e, conseqüentemente, gargalhadas nos seus pentelinhos que acham engraçado um *Papai Noel* que faz glu-glu.

— E como é que você saiu dessa? Ou melhor, como entrou nessa?

— Não foi muito fácil. A história é um pouco longa, mas pra encurtá-la, estou aqui graças ao chester. Aquele frango com jeito de monstro que apelidaram de Frangão. Tem jeito de peru, tamanho de peru, um gostinho parecido com o peru, mas é falso à bandeira. Quer dizer, é propaganda enganosa pra usar uma linguagem atual. Uma boa propaganda na novela das oito e eis que me esqueceram. Parece que você também não gosta de Natal, porque até agora só vi você bisbilhotar sem comprar nada.

— É um pouco por aí. Não gosto mesmo de Natal. Acho uma coisa triste, melosa, além do que não há grana que chegue. O menino do jornal, a moça do balcão, a cunhada

que tem dez anos que lhe torce o bico, o lanterneiro, o vigia... pra encurtar a história, acintosa ou disfarçadamente, meio mundo lhe cobra o presente. E você vai desembolsando os parques trocados que chegaram com o décimo terceiro, o dinheirinho da caixa que estava guardado pra trocar o sofá da sala, ou os dois tostões da poupança, economizada, Deus sabe como, pra trocar a botina rangeadeira. Vai tudo no Natal. Depois da festa a gente tá liso, leso, limpo e mal pago.

— Comigo não fica por menos. Claro que não tinha que dar presentes. Às vezes, eu era o próprio presente dado a uma tia pobre que ia me cozinhar no barraco, economizando gás, e me dividia com os meninos da redondeza e os cães vadios. Mas o que mais me enchia o saco eram as festas de repartição pública, festas de obrigação e festas políticas. Depois de uns discursos insossos, laudatórios que ninguém escutava, terminavam por virtualmente me dilacerarem, porque ninguém se lembrava de levar uma faca amolada pra que eu fosse fatiado. Era uma guerra. Geralmente, o político se escusando de apertar a mão de algum suposto eleito que lambia os dedos e falava cuspindo farofa. O padre, um safardana que mal terminava o culto e ficava flertando com a viúva ainda de luto, mas com um generoso decote. Ao lhe ser oferecido um naco de mim, dizia sempre que era alérgico a peru. Se pudesse, sujaria sua batina de gordura só por vingança. Ainda tinha o pior, que eram as festas familiares. Com dois meses de antecedência, alguém com cara de mais importante da família começava a esboçar os convites e consultar, vez por outra, alguém entendido em intriga. Queria saber se convidava o cunhado Bené, a tia Ilda ou o primo Ivanildo.

— *Nem é mais cunhado direito, porque anda de cacho com a dona do salão num descaramento só. Devia de nem convidar, mas se a senhora arrelevar, a gente inclui o sacripanta.*

Na festa eu tava ali, enchido, costurado, tostado (às vezes, queimado), uma farofa de mosca ao lado, que insistiam que era de passa; um queijo comprado com o décimo terceiro do ano passado que já exibia uma indistigável zona de mofo e uma quinquilharia arrodando um galho

seco enrolado de algodão. Onde já se viu neve num calor de quase 40 graus à sombra? E eu ali assistindo tudo. Os assanhos dos adolescentes, os cochilos e os puns dos velhos e a algazarra das crianças que, nesse dia, parece, estão com o cão do rabo preto, porque já rasgaram metade dos pacotes pra saber o que vão ganhar, e davam um pum de vez em quando, que culpavam logo o cachorro, que nem na sala estava.

Os adultos é que faziam a festa de fofocas:

— *Esta menina da Cumade Odete, sei não...*

— *Já começou, termina!*

— *Dizem que dá mais que chuchu na cerca.*

— *E Braulino?*

— *Tá de novo desempregado. Num toma jeito o desinfeliz. Não para em emprego nenhum!*

— *Oia lá, a Soninha da comadre Tereza!*

— *Na casa dela passa a pão e água. Aqui, já viu, né? Tira a barriga da miséria.*

— *E a Detinha? Com aquele cabelo pintado de tinta amarela. Parece a boneca do cão brincar.*

— *Aquele cabelo da Carmélia parece que saiu dum lava a jato e foi pintado a rolo!*

— *Que é que você ganhou de seu genro?*

— *Hum! Magina? Um par de meias marrom. Já pensou, mulato de sapato preto e meia marrom? O Demo perde.*

— *E você?*

— *Tô aqui assuntando, mas pela caixa deve de ser uma cueca samba-canção. O sem-vergonha que me tirou é aquele que anda de butuca na minha caçula. Não fosse parente, botava pra correr. Bem diz a comadre Marizete, que parente só é bom em álbum de retrato pra gente ficar vendo as figura desbotada e rindo.*

Pois é meu amigo. A essa altura devem estar aqui no Chope, escolhendo um chinelo ou uma cueca samba-canção, porque toda a humanidade imagina que velho só gosta de chinelo e cuecão.

Amigo, a conversa tá boa, mas vou dar no pé porque vem vindo ali uma perua, e é capaz de querer me comprar pra enfeitar sua mesa, e aí eu volto a dançar. Feliz Natal. A propósito, já escolheu seu Frangão?!

Maxado de Aciz

Médico, pseudônimo

Concorreu ao concurso de contos da AMB – 2014

OS MÁGICOS

Os mágicos cansados de magia
Deixam fugir os coelhos e as serpentes,
Como se fossem pensamentos doentes,
Da cartola da insônia que é vazia.

E pássaros e fontes de alegria
Vão partindo em seus rumos inocentes,
E panos e bandeiras inclementes
Passam flutuando pela noite fria.

Há um cansaço de tudo pelo ar.
Teatros e circos quedam-se desertos
E vão sendo invadidos pelo mar.

Do ovo da terra vai surgindo a morte.
Os mágicos de gestos sempre certos,
Tiram do punho a derradeira sorte.

DO BARCO

No barco de um soneto eu te procuro
Por praias e avatares tripulantes,
Deixo de mim nos litorais amantes,
Contrabandeando sóis no porto escuro.

E dos remos sonoros que seguro,
Faço a canção das ilhas mais distantes,
E num ritual de ventos navegantes
Clamo por ti em tempos de futuro.

Sinto que a vida passa e deito sondas
Que vão medindo em mim as profundezas
Dos céus que fui tragando em minhas ondas;

E na procura desse desatino,
Vou gritando ao sabor das correntezas:
— Meu barco, meu soneto, meu destino!

Paulo Bomfim

Príncipe dos Poetas

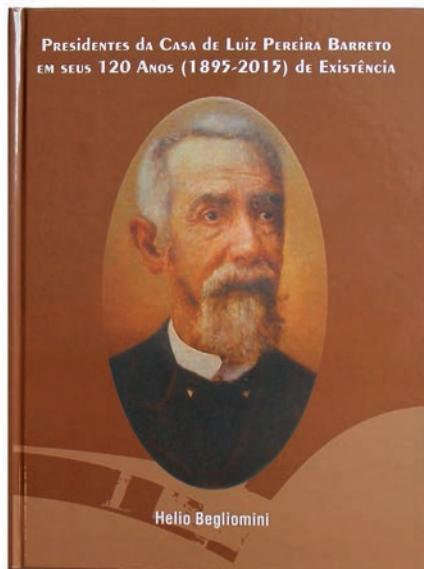


coluna do livro

Os Presidentes na Casa de Pereira Barreto

Esta coluna tem por norma apresentar as joias raras da biblioteca da APM. Os livros que brilham em suas prateleiras normalmente são antigos ou antiquíssimos e, desde já, não adianta querer possuí-los particularmente, como muitos bibliófilos desejariam, dada a raridade das peças, não compráveis nas livrarias físicas ou nas virtuais de todo o mundo.

Neste número, abre-se uma exceção, não à importância da obra, mas à data da edição: segundo semestre de 2015. Por quê? Porque o conteúdo é excelente, a coroar o esforço hercúleo do autor, acrescido da importância histórica para a medicina, de modo especial para a Academia de Medicina de São Paulo.



Trata-se da biografia de todos os presidentes desta Entidade, desde a sua fundação, em 7 de março de 1895, até hoje, com registros de fatos ocorridos nesses 120 anos de história.

Com prefácio de Luiz Fernando Pinheiro Franco, em formato 28 x 21 cm, capa cartonada, com sobrecapa, miolo em couché, com rica e abundante iconografia, o livro tem 352 páginas, publicação da Expressão e Arte Editora, foi doado à APM em 28 de outubro de 2015 pelo autor Helio Begliomini, médico urologista, membro de várias entidades culturais e científicas paulistas e brasileiras, pesquisador histórico e escritor deveras dedicado.



Médicos do corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 26 de novembro de 1903

Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: José Luiz Gomes do Amaral

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.